

Psicanálise, história, magia e linguagem: insurgências de modos de existir

André da Cunha Prado Correia Pereira¹

Ivo Mauricio Scheffer²

Faculdades Integradas Aparício Carvalho

Pedro Augusto Papini³

Centro Universitário Maurício de Nassau

Resumo: O presente estudo tece suas linhas investigativas nos limiares entre magia, linguagem e psicopatologia. Tomamos fragmentos da teoria psicanalítica e o pensamento de Walter Benjamin sobre a história como fendas de aberturas de um discurso de progresso científico; este alinhado a um imenso murmúrio do determinismo biológico sobre a experiência humana relacionada ao sofrimento psíquico, excluindo as possibilidades mágicas da linguagem e do encontro. Escutamos na condição autista e na condição de ouvir vozes, como duas manifestações da experiência humana que em outro tempo já foram ligadas ao mágico e hoje sobrevive como doença, cujas experiências únicas são dissolvidas no discurso biomédico. Desta maneira desdobramos contribuições psicanalíticas de forma a pensar na autonomia e emancipação de sujeitos e de comunidades diante do fim da história.

Palavras-chave: autismo; ouvidores de vozes; psicanálise; psicopatologia; poder.

¹ Graduando do oitavo período no curso de Psicologia da FIMCA/Vilhena.

² Graduando do sexto período no curso de Psicologia da FIMCA/Vilhena.

³ Doutor em psicologia social e institucional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Psicólogo Clínico e professor no Centro Universitário Maurício de Nassau (UNINASSAU/Vilhena).

Psychoanalysis, history, magic and language: insurgences of ways of existing

Abstract: This present study tailors its investigative lines in the thresholds between magic, language and psychology. We take fragments of the psychoanalytic theory and the thoughts of Walter Benjamin about the history of how opening slits of a scientific progress speech; this aligned with an immense murmur of biological determinism about the human experience related to psychological suffering, excluding the magical possibilities of language and meeting. We hear on the autistic condition and on the hearing voices condition, as two manifestations of the human experience that in older times were connected to magic and today as an illness, whose unique experiences are dissolved in biomedical discourse. In this way, we unfold psychoanalytical contributions to think about the autonomy and emancipation of people and communities in the face of the end of history.

Keywords: autism; voice listeners; psychoanalysis; psychopathology; power.

Psicoanálisis, historia, magia y lenguaje: insurgencias de modos de existir

Resumen: El presente estudio teje sus líneas investigativas entre limiars de magia, lenguaje y psicopatología. Tomamos fragmentos de la teoría psicoanalítica y el pensamiento de Walter Benjamin sobre la historia como hendiduras de aberturas de un discurso de progreso científico; este alineado a un inmenso murmullo de determinismo biológico sobre la experiencia humana relacionada al sufrimiento psíquico, excluyendo las posibilidades mágicas del lenguaje y del encuentro. Escuchemos en la condición autista y en la condición de oír voces, como dos manifestaciones de la experiencia humana que en otro tiempo fueron ligadas a la magia y hoy sobrevive como enfermedad, cuyas experiencias únicas son disueltas en un discurso biomédico. De esta manera desplegamos contribuciones psicoanalíticas de forma a pensar en la autonomía, emancipación de sujetos y de comunidades contra el fin de la historia.

Palabras claves: autismo; oyentes de voz; psicoanálisi; psicopatología; poder.

Adentramos na escrita desse texto como quem busca o avesso da tapeçaria; onde se quer prestar a atenção às linhas tortuosas que sustentam a harmonia de um desenho visível. Como sugere Foucault (2008), no seu trabalho arqueológico, buscar o invisível no visível. A magia da linguagem nos permite associar essa forma de atenção a processos sociais com o modo como Walter Benjamin (2014) em seu derradeiro texto “Sobre o conceito de história” nos alerta sobre o olhar para a história. Olhar para as tramas por vezes esquecidas dos arquivos que nos constituem e que nos acenam como um aviso de incêndio no presente. É desta maneira que este artigo busca tomar posição diante do fim da história, na interlocução da magia com o terreno da loucura e o campo da psicopatologia.

Se para Hegel o fim da história seria a síntese evolutiva em direção a um estado final de realização, onde a liberdade e a igualdade seriam alcançadas e as contradições resolvidas; desde Benjamin (2014) o progresso não é mais que o apagamento do sofrimento e da opressão dos vencidos. Da escrita da história do progresso tomada como desastre por Benjamin tomamos como objeto de estudo os saltos evolutivos das edições dos últimos três volumes do DSM⁴ - desde quando foram varridos todos os traços da teorias psicanalítica - como a tinta da história dos vencedores onde se afogam subjetividades e modos de existir que não condizem às exigências do capital.

Maurice Blanchot (2010), em ensaio sobre a “fala analítica”, coloca a par a linguagem no terreno da magia. Em Freud, lembra ele, eis que não apenas os espíritos, mas os corpos se curam. Ainda que o método de Freud tenha uma origem ligada ao magnetismo ao uso da hipnose e da sugestão, abandonados já na decolagem da teoria freudiana, em seu método sobreviverá o feitiço da cura concedido à relação mais simples: uma pessoa que fala e uma pessoa que escuta. Perguntamos, junto com Blanchot, se as relações, mesmo reduzidas a relações de linguagem, não se conservariam essencialmente mágicas. Nem sempre a mágica exige cerimônias, a imposição das mãos ou o uso de relíquias. Ela já se acha ali onde um homem se faz de importante diante de outro.

A expressão abracadabra, similar ao aramaico avra kehdabra (traduzível por “criarei enquanto falo”), tem registro de usos em rituais de cura desde um tempo anterior ao do século II a.C. Conta-se que sua escrita em formato triangular, cuja repetição em sobreposição subtraía uma letra da repetição anterior, curava doenças como a malária. Imagina-se também que hocus pocus seja uma contração originada do latim hoc est enim corpus meum (este é o meu corpo) (TIETBOEHL, 2021).

A magia aqui portanto é um significante que faz rede com a linguagem e a criação. No processo analítico proposto por Freud, o dizer de uma simples frase faz emergir uma cadeia de outros elementos, que já estavam ali, mas que a partir de uma enunciação tomam o estatuto de existência e, perceptivelmente, passam a operar outras vias no contexto em que se produzem.

⁴ DSM é a abreviatura utilizada para Diagnostic and Statistical Manual Of mental Disorders

No presente texto buscamos abrir as relações entre linguagem, magia e psicopatologia; tomando a psicanálise e o pensamento de Walter Benjamin como guias de reencantamento do mundo como forma de fazer frente à barbárie. Desta maneira, pousamos na condição autista e na condição de ouvir vozes, como duas manifestações da experiência humana que em outro tempo já foram ligadas ao mágico e hoje sobrevive como doença, cujas experiências únicas são dissolvidas no discurso biomédico. Um objetivo do nosso texto é pensar experiências firmadas por um discurso cientificista como psicopatológicas como paradigmas para além de seu exílio diagnóstico, a partir de uma dimensão da potência mágica da linguagem. Bebemos em elaborações psicanalíticas sobre o sujeito e o autismo e na experiência dos grupos de ouvintes de vozes, na busca de testemunhos de terrenos não mapeados pelo saber psiquiátrico e o qual nos concerne, pois está no campo da fala, da cura e da cultura.

Assim, a patologização da magia é uma das urgências de nosso tempo e um aviso de incêndio, segundo nos alerta uma leitura das teses sobre o conceito de história de Walter Benjamin. Desta maneira, buscamos inventariar feitiços e suas implicações nos jogos de poder-saber tendo como contraponto vozes que destoam, que falam a contrapelo, autistas e ouvintes de vozes como comunidade de insurgência aos modos de captura da subjetividade mágica.

Prisioneiros da passagem e a bíblia antimagia

Desde Georges Canguilhem e seu orientando de doutorado, Michel Foucault, a psicopatologia foi abalada e desnudados seus interesses obscuros, problemáticas éticas e filosóficas que estavam por trás do véu da fantasia de uma pura biologia dos processos mentais. E servem de base para as elaborações de Foucault sobre a biopolítica; atualizadas em Achille Mbembe pela noção de necropolítica. Políticas de controle e subjetivação, estratégias de fazer viver o corpo produtivo e lucrativo e de fazer morrer, respectivamente.

Canguilhem (2009) com *O normal e o patológico* e Foucault (2009) com *A história da loucura na idade clássica* e a seguinte dedicação a explorar as relações de poder e de saber que sustentam variadas formas de opressão social, seja no estudo sobre as prisões, no curso sobre *Os anormais*, no interesse pela vida dos homens infames. Canguilhem e Foucault aqui se destacam pela contribuição que abalou as discussões mundo afora dos tratamentos dado aos loucos e aos movimentos que lutavam por uma sociedade sem manicômios. Na longa duração da luta da razão contra a desrazão muitos foram condenados ao exílio perpétuo ou à fogueira por pertencerem ao lado mais fraco dessa disputa.

É Michel Foucault (2009) quem nomeia os “prisioneiros da passagem” em *A história da loucura*. Quando ele nos lembra, do apagar das luzes da idade média, da prática de alocar os insanos em embarcações e liberá-la à deriva da busca de um porto, o qual jamais encontrava hospitalidade.

Fechado no navio, onde não se escapa, o louco é entregue ao rio de mil braços, ao mar de mil caminhos, a essa grande incerteza exterior a tudo. É um prisioneiro no meio da mais livre, da mais aberta das estradas: solidamente acorrentado à infinita encruzilhada. É o Passageiro por excelência, isto é, o prisioneiro da passagem. Sua única verdade e sua única pátria são essa extensão estéril entre duas terras que não lhe podem pertencer. (FOUCAULT, 2009: 12)

Hoje vemos sobreviver essa imagem do banimento da loucura da vida em comunidade na prevalência da patologização do sofrimento psíquico como estraté-

gia de controle biopolítico (FOUCAULT, 2018) de corpos e de modos de existência dissidentes da razão do capital. O lugar dos prisioneiros da passagem é atualizado na forma de tratamento colado a um discurso biologizante que exclui a subjetividade e contextos sociais em prol de uma massificação e domínio da experiência.

Pessoas se tornam diagnósticos quando não encontram hospitalidade nas tramas sociais, tendo suas subjetividades únicas capturadas por algoritmos de transtornos mentais. Pode-se pensar em um algoritmo como um conjunto de instruções precisas que orientam um computador ou outro agente a executar uma determinada tarefa. Aqui eles são efeitos de discurso com potencial de guiar pessoas em desespero a uma pátria de extensão estéril. Muitas vezes não havendo alternativa para essas, senão na necessidade de se readequarem às normas para terem suas existências reconhecidas, sendo expostas a coerções e tratamentos que ferem a dignidade humana.

O que chamamos de algoritmos dos transtornos mentais pode ser visto no estribilho das transformações do Diagnostic and Statistical Manual of Mental Health, conhecido popularmente como DSM. O movimento do DSM aposta sua força na pesquisa científica dos marcadores biológicos para embasar a etiologia orgânica das doenças mentais. No entanto, não raramente, esquece-se que jamais foi possível comprovar a origem exclusivamente biológica de qualquer dita patologia mental e os objetivos dessas pesquisas jamais foram atingidos (JORGE e TRAVASSOS, 2021: 13)

O catálogo de transtornos mentais apresentados sob a forma de mera descrição sem qualquer envergadura explicativa ou teórica se coloca como livro maior da anti feitiçaria. Apesar de ele próprio ser causa de fetiche com o sofrimento psíquico; fetiche, que etimologicamente vem de ‘feitiço’, aqui encontra a elaboração de Karl Marx como objeto a que é agregado um valor mágico ou sobrenatural.

Fragmentos da reestruturação da nosologia psiquiátrica

No decorrer de uma narrativa da história, o louco que já ocupou a posição de mágico foi destituído do seu poder ser. Como diria Benjamin (2014), a história é contada através dos reis, heróis, vencedores e herdeiros de fato. Pouco a pouco aqueles que conseguiram vencer e tiveram seus nomes estampados nas enciclopédias nosológicas foram utilizando suas influências para silenciar subjetividades e impor modos de universalizar a experiência humana.

Christian Dunker e Fuad Neto (2011) nos dizem que a patologia é definida como a experiência clínica e o discurso pathos, que em psicanálise entende-se como a maneira de cada um interpretar o mundo lidando com o corpo e a cultura. Medicina, antropologia e fenomenologia também se encontram nas raízes deste saber. A filosofia teve sua participação e emprestou ao pathos a vontade de conseguir algo, o poder sonhar, o dom do discurso e, através da magia das palavras, poderem expressar a sua singularidade.

Desta forma, na construção das disciplinas da psiquiatria e da psicanálise, estas dividiam um mesmo espaço e de forma compartilhada se auxiliavam na construção de um conhecimento que levasse na direção de uma prática clínica singular. Essa relação foi aos poucos tendo um lado escolhido e de forma velada a psiquiatria foi construindo modos de apagar o discurso psicanalítico do discurso patológico, sendo o DSM uma ferramenta importante desta novela.

Em 1952, veio à luz da sociedade o DSM I, livro que viria a ser cultuado como um objeto de poder e totem maior da anti-feitiçaria. Neste princípio, psicanálise e psiquiatria dividia uma ligação quase que simbiótica, em sua formulação os estudos de caso eram maneiras de tecer na malha da existência significados vindo das narrativas, dos sonhos, dos atos lembrados e das frases esquecidas, dando sentidos válidos e possíveis de mobilidade na visualização psicopatológica.

Já em sua primeira edição, o DSM começa um movimento em direção à exclusão da visão psicodinâmica do diagnóstico e a primeira artimanha psiquiátrica é a inclusão massiva da palavra “reação” (DUNKER e NETO, 2011). A paranóia foi realocada dentro de um grande grupo de personalidades, sendo removida da noção de estrutura psicótica como considera a psicanálise.

Em 1968, o DSM I evolui para DSM II e a palavra reação é excluída, mas o termo neurose é mantido fazendo ainda vingar o relacionamento entre psicanálise e psiquiatria. A biologização e o sistema de Kraepelin – fundador da psiquiatria moderna, através dele foi inserido um método de entrevista feita pelo médico e uma necessidade de mensuração e qualificação das patologias se tornaram necessárias, segundo Câmara (2007) – eram imbuídos por parte da psiquiatria buscando desordens genéticas e biológicas como causas das patologias ou dando sentido que era ligado aos conflitos e problemas da vida e dispondo as informações em polos fixos expostos como pedras angulares, mas ainda não explanando a definição concreta de normal e anormal. Durante o período do DSM II as duas teorias eram denominadas científicas e em sua organização vários psicanalistas participaram partilhando de um mesmo cenário, sem que uma ofuscasse a outra.

Essa relação atraiu o olhar dos críticos que começaram a reconhecer uma psiquiatria mais normativa e uma psicanálise mais retrógrada, fazendo imperar a percepção de uma psicanálise pseudocientífica. O biopoder impõe suas marcas e neste momento dá alto status e valor econômico para a profissão médica, dando ênfase à cultura que procura padrões e valores específicos, os quais viriam a simplificar e facilitar a passagem pela existência. Com esse incômodo gerado pelos críticos e intensos movimentos dos grupos ativistas LGBTQIA+ para que a classe homossexualidade fosse retirada de um status nosológico, fazendo em 1980 junto com a entrada do DSM III a categoria homossexualidade ser excluída. O termo Neurose foi aceito pela última vez e as desordens mentais foram classificadas como um “comportamento significativo ou síndrome psicológica” (DUNKER e NETO, 2011).

Essa versão da enciclopédia patológica representa a vitória das formas de universalização do sujeito e simplificação do diagnóstico; através dela foi possível desenvolverem novas técnicas de pesquisa experimentais as quais a psicanálise até uma versão atrás servia de estorvo, os sujeitos agora eram mapeados apenas por sua superfície e conforme o paciente descrevia seus sintomas o psiquiatra poderia encaixá-lo em categorias fazendo da sua tradução o destino daquele corpo.

Ao DSM IV foi incumbida a missão de apagamento do termo neurose e também entrou no lugar que agora ocupado apenas pela psiquiatria uma necessidade de um critério de significância demarcando em mais de metade de suas “categorias que possuíam sintomas que causavam sofrimento clinicamente significativo ou prejuízo no funcionamento social, ocupacional ou outras áreas importantes” (MASOTI *apud* DUNKER e NETO, 2011). Os transtornos somáticos que antes pertenciam à categoria de *histeria* e guardava características de uma reação de conversão agora era desmembrada e traduzidas como dismorfismos, depressão, ansiedade e fibromialgia.

Aqui se buscou o fim da possibilidade de uma visão psicodinâmica e definitivamente foi instaurada uma busca por palavras que pudessem servir de apoio para construção dos códigos linguísticos que definiam o significado de patologia e viria a preencher as bibliotecas das faculdades e os consultórios médicos. A cosmovisão foi destruída e as palavras dos manuais não contavam mais a história de ninguém, ou sequer cediam/cedem espaço para que os sujeitos possam se declarar enquanto uma estrofe no poema da vida.

No ano de 2013 o DSM V foi lançado, trazendo significativas mudanças para os critérios diagnósticos, tendo uma mudança drástica em relação ao seu anterior. No DSM IV era utilizado o método de diagnóstico denominado multiaxial, que consistia em uma divisão categórica das patologias em eixos independentes. O diagnóstico dimensional, vem para dar uma abrangência maior aos transtornos mentais, dissolvendo a categorização, ampliando seu agrupamento em espectros que são justificados por supostos sintomas compartilhados, fatores de risco ambientais, genéticos e neuroquímicos que seguem uma tendência de desfazer as fronteiras entre as desordens mentais.

Entre os ditadores da palavra do DSM, essa versão era descrita como a bíblia do diagnóstico mental, mas os próprios apoiadores descrevem que ele não passa de um dicionário, fazendo romper a participação da NIMH (instituto nacional de saúde mental dos estados unidos) duas semanas antes de seu lançamento. O presidente do grupo responsável pela criação do DSM também assumiu que o livro é falho, pois não existe comprovação neurocientífica ou biológica para firmar critérios diagnósticos.

A bíblia anti-magia foi construída para consoar com o CID⁵ 11 (classificação internacional de doenças), pois as duas são amplamente utilizadas na fundamentação de escritos científicos, sendo que o CID é o livro que regulamenta os diagnósticos americanos, mas não fazendo com que o DSM perca seu valor. Na esperança do surgimento de um Deus ex machina foi criado o rDOC⁶ que consiste em um documento de contínua atualização que se espera surgir novos resultados relacionados a exames de imagens, características biológicas e evolução nas ciências cognitivas, os quais tirariam O DSM de seu vazio epistemológico (BANDEIRA e CAMPOS, 2017).

Esse momento de proliferação de um sujeito homogeneizado pelo discurso biomédico se enquadra como um regime ideológico. Os estudos da ideologia na teoria marxista estão estritamente ligados ao estudo da filosofia da linguagem. A ideologia é representada através do signo e todo produto de consumo pode ser transformado em um signo ideológico. O DSM se encontra como um instrumento de produção. De acordo com Mikhail Bakhtin e Valentin Volochínov (2006: 33), “um instrumento de produção não possui um sentido preciso, mas apenas uma função: desempenhar este ou aquele papel na produção”, este instrumento está em prol de uma lógica de consumo, a qual também pode ser transformada em signo ideológico. A ideologia como uma formação de signos é representada como uma forma de linguagem. A linguagem está no seio da comunicação social. E através da palavra é possível dar novos significados à ideologia. “A palavra é o modo mais puro e sensível da relação social” (BAKHTIN e VOLOCHÍNOV, 2006: 36). É através das palavras que mais podem se revelar significados de vários ângulos da semiótica, incluindo as maneiras de se estudar uma pessoa “doente”.

⁵ CID Significa Classificação internacional de doenças.

⁶ rDOC significa Research Domain Criteria, é um documento utilizado para pesquisa em psiquiatria, com intuito de preencher a lacuna da validade neurobiológica, buscando embasamento científico.

O sujeito pode ser um conceito lacaniano e este sujeito é o sujeito do inconsciente. Diferente do sujeito de Descartes, onde ele descreve como: *Cogito, ergo sum* (penso, logo sou). O sujeito de Descartes é o sujeito na razão, sujeito que existiria como um ser fora e que poderia ser pensado e o qual era separado da substância material. O sujeito na razão descrito por Descartes se fez importante na inscrição do sujeito numa narrativa da história da humanidade, pois permitiu pela primeira vez que colocasse o pensar em cima da história do ser, fazendo uma separação entre ciência e filosofia.

Luciano Elia (2004) nos diz que em Kant o sujeito reaparece como um sujeito do vazio, se diferenciando do sujeito de Descartes, onde o sujeito era uma substância consistente, exposta na razão ser/pensar. O sujeito de Kant é transcendental, não individual nem psicológico. Aqui foi inserido a Razão e o sujeito não tinha a necessidade de recorrer ao poder de Deus para explicar sua existência, como acontecia em Descartes. O sujeito de Kant já era uma aproximação do sujeito em psicanálise.

O sujeito da ciência moderna (o sujeito do DSM) é sujeito da exclusão do sujeito, mesmo que ela propicie o campo para a aparição deste. Este é um sujeito suposto, onde ele aparece e é rapidamente excluído, excluído do campo de operação da ciência como sujeito, sendo apagado da sua posição de tecelão no saber.

O sujeito em psicanálise é o mesmo que o sujeito da ciência, com a diferença que em psicanálise não se trata este ser como uma pessoa humana ou um indivíduo, e sim um Sujeito, dando condições para que este possa aparecer. O sujeito não é apenas um conceito ou uma construção como delimitado pela ciência. O sujeito é uma categoria, que através das ferramentas psicanalíticas, através da transferência e da repetição tem um terreno propício para surgir como sujeito do inconsciente, vindo através das formações inconscientes (sonhos, atos falhos, lapsos, chistes), o sujeito como categoria, como sujeito do inconsciente, necessita do dispositivo psicanalítico para sua aparição e a presença do analista se encontra exigência na elaboração teórica (ELIA, 2004).

O sujeito da ciência como um sujeito suposto, é um sujeito concreto, onde o homem já sabe o que vai encontrar. O sujeito da ciência no modo Freudiano é diferente, é um sujeito da ciência, mas não o sujeito da ciência dentro da caixa, enquadrado em uma norma, enclausurado em uma vida que não é sua, permitindo que tenha em sua visão apenas os botões utilizados para sua modelagem, sujeito que após convocado, é imediatamente expulso de sua posição, tornando-se manipulável. O sujeito da psicanálise é o sujeito que existe onde não se pensa – o sujeito do inconsciente, que emerge através da associação livre (regra fundamental da psicanálise), na mágica da fala.

A palavra é quem porta a funcionalidade do método psicanalítico, desde que seja dita como vier à cabeça, seguindo o método fundado por Freud. A fala constitui toda a ação simbólica do sujeito e não está presa apenas ao que é subtendido por verbal. Sendo assim, as artes, as expressões do rosto e também as narrativas orais são produções simbólicas e, portanto, verbais. O sujeito humano é um sujeito de linguagem, construído no domínio verbal. Como seres de linguagem, esta não se exprime como uma categoria, que se pode dominar ou não. Ter a existência submetida a esta experiência faz com que mesmo aqueles que não conseguem alcançar a função da fala “como os autistas e alguns psicóticos esquizofrênicos, cuja gravidade faça com que sua relação com a linguagem caracteriza pela mais completa fragmentação e desconcatenação de sua fala” (ELIA, 2004: 18) ainda

estejam no campo da linguagem e existindo como um ser falante, constituídos pela linguagem.

A fala é uma instância mágica que permite que se desenrolem as tramas simbólicas, que no jogo de significante e significado possamos dar alguma significação. Essa relação produz uma materialidade simbólica, através da fala pode-se construir uma sequência de palavras para que se separe o significado de significante, sendo que o significado seja produzido após o significante. A fala é o método por onde o sujeito poderá emergir e assim ser reconhecido pelo falante, fazendo assim ter acesso ao inconsciente, o qual segundo Lacan é estruturado como uma linguagem e não porta um sentido constituído, mas que através do significantes é constituído.

O sujeito da medicina e o sujeito do DSM são sujeitos da sugestão, assim como era na psicanálise o sujeito da hipnose. Os sintomas e causas expressos nesta relação são apenas a apropriação do médico, onde o saber do hipnotizado é excluído. Fazendo este navegar em um mar de significados, dizimados a uma forma de ideologia, como descrito na teoria marxista. O saber do sujeito, aquele que através do significante está camuflado no inconsciente é ignorado.

Essa relação do sujeito com a psicanálise não exclui que sejamos organismos que tenham vínculos com leis genéticas e biológicas. Mas ela nos constitui como seres de linguagem e que através da linguagem tenhamos uma relação com nossas doenças, sintomas, experiências que sejam possíveis apenas nos termos da significação, do significante, fazendo provar a condição orgânica como fragmentada, como fragmentos de um instinto, que através da linguagem toma seu rumo e função, desaparecendo o puro controle do organismo sobre o sujeito, emergindo apenas através da fala, da utilização das palavras.

Autistas, ouvidores de vozes: criarei enquanto falo (e mesmo enquanto calo)

Nesta parte exploramos modos de operar a magia da linguagem que vão além da patologização e fazem contraponto à narrativa dos vencedores da saúde mental. Voltamos nossa atenção para pontos de redes que escapam aos algoritmos dos transtornos mentais e reabilitam o sentido da solidariedade, nos conecta com as urgências de nosso tempo e conjuram o reencantamento do mundo para fazermos frente à barbárie; tendo o autismo e o célebre estandarte da loucura: ouvir vozes, como um ‘ainda não’ (ou um ‘preferiria não’ como diz ‘Bartleby, o escrivão’, personagem de Herman Melville) diante das sutis máquinas brutais de moer subjetividades e banir modos de existir.

Nas contribuições psicanalíticas sobre o autismo e na comunidade de ouvidores de vozes, como dois paradigmas que fazem com que olhemos para a história estupefatos como via o anjo da história de Walter Benjamin (2014), que mirava o passado como ruínas onde ele gostaria de parar para remontar os cacos.

Que com um feitiço da linguagem possamos ouvir a “causa” das doenças mentais (como origem, etiologia) também como “causa” política. Em um abra kada-bra, a causa dos autistas e a causa dos ouvidores de vozes como aquilo que move, que faz com que algo exista ou aconteça, mas por um desejo, como um levante. Uma posição à contrapelo, como diria Benjamin (2014), diante do sucesso de grandes conglomerados e laboratórios da indústria psicofarmacológica, beneficiada ao infinito por uma política estatal de controle comportamental, fazem da cientificação e silenciamento das palavras mágicas um negócio altamente rentável (FURTADO e LOPES, 2014).

O movimento gerado pelo avanço das versões do DSM anda de mãos dadas com a indústria farmacológica, Kupfer (*apud* DE MORAES e PERRONE, 2017) descreve que atualmente a medicalização da infância é uma denúncia de que a indústria farmacêutica se apropriou de certo recorte de manifestações discursivas infantis. E que essas manifestações são entendidas como efeitos exclusivos de disfunções neurológicas ou bioquímicas. Nota-se que através da norma descrita pelos manuais, o simples fato de ser criança é entendido com uma expressão sintomática e que a pluralidade desaparece no meio do discurso da ciência. Fendrik e Jerusalinsky (2011 *apud* DE MORAES e PERRONE, 2017) nos dizem que “Nesse sentido, faz-se importante perceber como a rapidez e a imprecisão com que as pessoas são transformadas em “anormais” é diretamente proporcional à velocidade com que a psicofarmacologia e a psiquiatria contemporânea expandiram seu mercado”.

Dentre as patologias que instigam e mexem com o imaginário daqueles que se refestelam com o poder do discurso científico, o autismo é uma das que mais tem gerado interesse na atualidade. Elia (2012) chega a comparar o autismo com a posição que a histeria ocupou nos tempos de Freud, mas ao contrário do que acontecia na época em que a medicina se demonstrava extremamente impotente no entendimento e tratamento das histéricas, hoje em dia no autismo um discurso de ciência “tenta enquadrar o autismo, adestrá-lo, reduzi-lo, eliminar sua particularidade positiva” (ELIA, 2012). O que faz mais uma vez chamado, para que mesmo em uma posição contrária à da época de Freud a psicanálise se levante em defesa da escuta desse sujeito, sujeito que é excluído pela visão das pseudociências, mas pode ser resgatado pela escuta psicanalítica.

A psicologia do comportamento em comunhão com a medicina baseada em evidências traz para o discurso médico e midiático a busca por respostas num modelo neurocientífico para responder às questões do autismo. De Moraes e Perrone (2017) descrevem que: “A regra é a normatização social, fundamentada num princípio de serialização dos indivíduos via supressão das diferenças.”. O treinamento da condição autista como uma forma de aniquilamento da suposição de um sujeito, na possibilidade da magia da linguagem faz nos encontramos um mundo em que a biologização e os diagnósticos de Internet predominam, o que se encontra entre a ciência e os grupos de pais de autista é o discurso da doença e da cura, onde a solução que é passada adiante é o adestramento destes sujeitos, sem saber se aquilo faz bem, ou se é necessário.

A “ciência” não está sozinha neste movimento. O capitalismo, que é par inseparável daqueles que conseguem vencer na história, está mais uma vez incrustado na redução das subjetividades, “em termos da aliança do capitalismo com a ciência, determinam essa conjuntura e poderosos fatores econômicos igualmente a condicionam”. Elia (2012). essa aliança entre a psicologia do comportamento e as lógicas do capital é descrita como visando as boas práticas, pois teoricamente elas podem ser mensuradas objetivamente e capazes de colocar a pessoa dentro do esperado para sua locomoção social, carregando o repertório de comportamentos que se acha necessário. Deste modo o autista é aprisionado em uma visão de cérebro com mal funcionamento e comportamentos mau adaptativos.

Opor-se a essa lógica é estritamente difícil e tentar um movimento revolucionário na direção contrária faz muitas vezes acontecer tentativas de exclusão dos rebelados, como aconteceu com a psicanálise na construção do DSM e também nas definições de possíveis tratamentos de autismo no Brasil e em outras partes do mundo. A psicanálise foi colocada à margem da ciência, o que na psicologia de grupos poderíamos nomear sob a posição de bode expiatório, aquela que carrega

toda a projeção das características ruins do grupo. Este movimento de segregação e exclusão da psicanálise tem forte repercussão nas redes sociais e nos grupos de pais de autista, onde é fácil encontrar pessoas que repetem falatórios muitas vezes incitados por médicos e psicólogos comportamentais, descrevendo um não funcionamento da psicanálise e dando uma falsa descrição diagnóstica para saciar a ânsia de cuidadores desesperados e muitas vezes desinformados, mas que se encontram em meio ao medo transmitido pela ideologia médica e a posição de anormalidade e imutabilidade propagada por ela.

Nesse jogo de poder/saber a possibilidade de escuta dos autistas é ignorada e o conhecimento transmitido por eles, os que mais entendem do assunto (os autistas) é esquecida, ou simplesmente apagada. A comunidade científica dá cabo das expressões mágicas e revolucionárias como foi o caso de Birger Sellin, um autista que em 1992 escreveu um artigo onde dizia querer ser porta voz dos autistas, especialmente daqueles que não podem falar. Por ele não ser um autista "verbalizado", os especialistas disseram que aqueles construtos não eram de sua autoria, pois ele não seria capaz e, portanto, ele não podia ser autor daqueles textos. Em resposta a esses especialistas ele retruca:

sei de uma coisa, os cientistas também não sabem de nada despejam de novo na gente um monte de absurdos tirar da minha vivencia um relato concreto e não dar uma notícia que ofende com certeza é difícil para spiegel detesto a imprensa e quero me acalmar [...] e acrescento que as pessoas uniformes são muito tristes e entediadas as pessoas uniformes se enganam quando pensam que percebem a verdade eis a verdade os autistas conhecem a verdade [...] o que dizem de nós é mesmo de dar vergonha. (*apud* JEAN-CLAUDE MALEVAL, 2021: 19-20)

Maleval (2021) nos diz que no autismo reside uma esperança/visão de um todo biológico na direção do tratamento, essa visão sufoca o autista numa percepção de retardo congênito, dizimando as possibilidades terapêuticas e não dando espaço como sujeito a devir. O que escapa da interpretação da ciência é que mesmo que em algum momento a condição do autismo seja comprovada em termos de biologização “, não seria menos verdade que o indivíduo ainda deveria subjetivar suas consequências” (MALEVAL, 2021: 25).

“Eu quero que nós mesmos tomemos a palavra do jeito que podemos nosso mundo interior deve vir à tona. Birger Sellin (*apud* MALEVAL, 2021: 17), talvez o desejo de Sellin não tenha se realizado e a proibição de fala dos autista perante seu exílio diagnóstico tenha sido decretada por parte da visão biomédica. Mas Benjamin (2014) nos alerta que devemos organizar o pessimismo e assim extrair a metáfora moral da ação política descobrindo neste espaço o espaço completo da imagem, imagem que não deve ser apenas contemplada, mas que devemos agir sobre ela. Neste contexto a psicanálise (e os pensadores revolucionários) ficam encarregados de derrubar a hegemonia intelectual burguesa e estabelecer o contato com as massas proletárias. Este caminho não é fácil e diversas vezes os intelectuais burgueses tentam desclassificar aquilo que vem do povo, ou do sujeito, como no caso de Sellin e de outros autistas que têm suas vozes caladas e a mobilidade subtraída na construção do que diz respeito a eles próprios, como também aconteceu na participação da psicanálise na visão de patologia e a redução das possibilidades que ainda acontecem.

Mas há outras comunidades de feitiçaria. Em variados lugares do globo se encontram os grupos de Ouvidores de Vozes, que se reúnem sem fim terapêutico (apesar de ter efeitos terapêuticos) para falar da experiência de ouvir vozes. O

movimento INTERVOICE⁷ (International Network for Training, Education and Research into Hearing Voices) se articula como uma rede internacional para o apoio na formação, educação e pesquisa sobre ouvir vozes (ZAMBILLO, 2019).

Movimento mundial de pessoas que ouvem vozes e estão organizadas para se dar apoio mútuo na experiência de ouvir vozes, buscando despatologização da experiência de ouvir vozes, que por muito tempo limitou-se a sintoma de uma doença e foi silenciada com medicalização e isolamento social dos ouvidores.

Na contramão do discurso psiquiátrico hegemônico, no que concerne à questão de ouvir vozes, que visa ao silenciamento do sintoma, articulam-se grupos de resistência à supressão de subjetividades diversas, como os grupos de ouvidores de vozes, nos quais as narrativas se horizontalizam e circulam com a proposta de valorizar as visões de mundo e as histórias dos sujeitos que vivenciam o fenômeno de ouvir vozes e os sentidos que são construídos a partir disso.

Ao partilhar experiências com outros ouvidores de vozes, engendra-se na superação do isolamento e da estigmatização, cria-se vínculo e pertencimento e a palavra do sujeito é conferida de poder. Os grupos funcionam de modo que cada um é autoridade máxima sobre sua própria experiência. Assim, os sujeitos escapam do lugar destinado a eles pelo discurso biomédico, com o que vivem reduzido a caracteres diagnósticos, obtendo espaço para que novos modos de subjetividade se manifestem.

No contato com outras pessoas que passam por experiências semelhantes em uma atmosfera de acolhimento e legitimação de suas histórias, ampliam-se perspectivas e modos de lidar com o que lhes acontece.

Seja na condição autista ou na experiência de ouvir vozes, vemos o exílio de modos de existir, cujo passaporte de retorno à pátria, na forma medicamentosa e adaptativa, afoga a subjetividade, dando um tom de hipnose à vida. A psicanálise estabelece seu campo banido, que é o feitiço da constituição do sujeito a partir do significante, que é o campo do sujeito e do inconsciente, determinados pelos efeitos de linguagem no corpo. A psicanálise é uma força de resgate do sujeito desse exílio foraclusivo a que a ciência o condenou.

O contrafeitiço da psicanálise na realidade dos autistas e de suas famílias está na consideração da particularidade de cada caso. A consideração do particular inclui o inefável, inclui o desejo, a história, a materialidade e equívocidade do que é dito, agido ou silenciado. A consideração do particular, em confronto lógico com o universal da categorização, ao tomar a função e o campo da fala e da linguagem, produz uma perspectiva singular de tratamento do autista, atribuindo-lhe uma função de enunciação, mesmo que ele não fale.

Esse também é a causa dos ouvidores de vozes, cujo contrafeitiço se situa na validação da própria experiência e reconhecimento da mesma por seus pares. Por ser uma comunidade os grupos de ouvidores de vozes devolvem a sensação de pertencimento e validade de seus saberes para aqueles que nas normas sociais seriam excluídos como anormais, ou teriam que simplesmente suprimir as vozes que tanto vos falam. Ao invés da busca pelo silenciamento, move-se no sentido de se apropriar de compreensões e estratégias para conviver com as vozes que como descrita pelos próprios membros, jamais os abandonavam, fornecendo a possibilidade para que muitos diminuíssem a expectativa de uma “cura medicamentosa”, demonstrando o efeito terapêutico dessas expressões revolucionárias, os grupos de ouvidores de vozes.

⁷ International Network for Training, Education and Research into Hearing Voices

Ao articular subjetividades e tecer cosmovisões, o sujeito torna-se autor do sentido de sua experiência. Apossando-se da palavra enquanto potência criadora, ouvidores de vozes e autistas têm a possibilidade de se posicionar no escrever da história, colocando a tinta particular de cada existência como válida e conhecedora do saber que possui e apontando às particularidades de cada condição e nos tratamentos que possam ser válidos para cada um.

Recebido em 30 de maio de 2023.

Aceito em 1 de agosto de 2023.

Referências

BARONI, Daiana Paula Milani; BARBOSA, Lucas Felipe dos Santos; MINUCCI, Gabriel Silvestre; RODRIGUES, Martha Lages; SANTOS, Lorena Eduarda Mendes; SOUSA, Yandra Oliveira de; SANTOS, Igor Tomé Silva; TREVISAN, Juliana Valeri Simão. A experiência de formação do primeiro grupo de ouvidores de vozes de Minas Gerais. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 21 (4): 1500-21. 2021.

BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHINOV, Valentin Nikolaevich. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2006.

BANDEIRA, Janaína; CAMPOS, Eugênio de Moura. *Perspectivas e principais alterações no DSM-5*. 2017.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas I: magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 2014.

BLANCHOT, Maurice. *A conversa infinita 2: a experiência limite*. São Paulo: Escuta, 2010.

CÂMARA, Fernando Portela. A catástrofe de Kraepelin. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 10: 307-318, 2007.

CANGUILHEM, Georges. *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

CORRADI-WEBSTER, Clarrisa Mendonça. LEÃO, Eduardo Augusto. RUFATO, Lívia Sicaroni. Colaborando na trajetória de superação em saúde mental: grupo de ouvidores de vozes. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 61: 100-119, 2018.

DE MORAES, Natália de Andrade; PERRONE, Cláudia Maria. A polêmica do tratamento psicanalítico do autismo: dimensões políticas, sociais e econômicas. *Revista Subjetividades*, 17 (2): 12-22, 2017.

DUNKER, Christian Ingo Lenz; NETO, Fuad Kyrillos. A psicopatologia no limiar entre psicanálise e a psiquiatria: estudo comparativo sobre o DSM. *Vínculo-Revista do NESME*, 8 (2): 1-15, 2011.

- ELIA, Luciano. Autismo e segregação. *A peste*, 4 (1): 55-64, 2012.
- ELIA, Luciano. *O conceito de sujeito*. São Paulo: Editora Schwarcz/Companhia das Letras, 2004.
- FERNANDES, Henrique Campagnollo Dávila; ZANELLO, Valeska. O grupo de ouvidores de vozes: dispositivo de cuidado em saúde mental. *Psicologia em Estudo*, 23, 2018.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- FOUCAULT, Michel. *História da loucura na idade clássica*. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- FOUCAULT, Michel. *A história da sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 2018.
- FURTADO, L. A. R e LOPES, Camilla. “Apresentação”. In: FURTADO, L. A. R.; VIEIRA, C. A. L. (orgs.). *O Autismo, o Sujeito e a Psicanálise: Consonâncias*. Curitiba: Editora CRV, 2014.
- MALEVAL, Jean-Claude. *O autista e a sua voz*. São Paulo: Editora Blucher, 2021.
- MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- TIETBOEHL, Leo. Palavra, ato, feitiço: algumas conjurações no campo da magia. *Voluntas: Revista Internacional de Filosofia*, 11 (3): 123-133, 2021.
- ZAMBILLO, Marciana. Intervoice: apontamentos sobre ouvir vozes. *Revista Eletrônica Científica da UERGS*, 5 (especial): 101-110, 2019.